



A invenção do
sentido num poema
de Bandeira e
numa página de
Proust



Waldecy Tenório



RESUMO

Este ensaio é um pequeno exercício de literatura comparada que aproxima dois grandes autores, Marcel Proust e Manuel Bandeira, para mostrar que ambos são marcados por uma profunda nostalgia. Na geografia fantástica que inventa, o Recife e Combray estão muito perto e assim é possível ler uma página de Proust lendo um poema de Bandeira ou o contrário, ler o poema de Bandeira lendo uma página de Proust.



ABSTRACT

This essay is a little exercise of comparative literature that approaches two great authors, Marcel Proust and Manuel Bandeira in order to show that both of them had a deep mark of nostalgia. In a invented fantastic geography, Recife is very close to Combray, so that it is possible to read one Proust's page reading Bandeira's poem, or, the other way around, read a poem in wich Bandeira reads a Proust's page.



PALAVRAS-CHAVE

Proust - Bandeira - Recife
- Combray - reminiscência -
nostalgia



KEY WORDS

Proust - Bandeira - Recife
- Combray - reminiscence -
nostalgia



O que se pode esperar destas páginas não é muito. Trata-se de um ensaio, e o ensaio, como todos sabem, é um gênero suspeito, no mínimo singular. Ao injetar não-ficção na ficção e ficção na não-ficção, ele provoca, no mínimo, desconfiança, uma certa estranheza, enfim, uma perturbação epistemológica. Na teoria, é pois uma pequena perturbação epistemológica que se pode esperar. Na prática, e é só isso que posso prometer, um pequeno exercício de literatura comparada, no qual vamos ler um poema de Manuel Bandeira lendo uma página de Marcel Proust. Ou talvez seja o contrário. De um jeito ou de outro, será possível encontrar um sentido para os dois?

Embora seja modesta a promessa, existe sempre a possibilidade de que um diálogo, nem que seja indireto, entre esses autores, resulte em alguma boa surpresa para o leitor. A expectativa não é totalmente descabida uma vez que, como no *ex opere operato* da teologia clássica, a eficácia da interpretação não depende do interpretante mas dos autores que se pretende interpretar.

Visto assim o horizonte do ensaio, partamos primeiro em direção ao Recife, onde visitaremos Bandeira, e depois a Combray, onde iremos ao encontro de Proust. Entretanto, antes de nos pormos a caminho, não custa satisfazer, pelo menos em parte, uma certa curiosidade a respeito do que se pretende. Pois bem, vamos ler o poema “Profundamente”, de Bandeira, e compará-lo a uma página inicial de *Em busca do tempo perdido*. Qual é a hipótese? A existência de algum ponto de intersecção entre essa página da *recherche* e o poema de Bandeira. É o tempo apenas que ambos procuram ou alguma coisa além?

Uma resposta prévia não teria a menor graça. Aprendemos com navegadores antigos que só depois de achada a ilha desconhecida é que se escreve a *El-Rei*, contando as aventuras que se deram pelo caminho. É uma atitude prudente, essa, e é isso mesmo que se vai fazer aqui. Nada de dar de mão beijada a chave do que Proust e Bandeira procuram. Afinal, segundo a lição de Umberto Eco, o leitor também tem de fazer a sua parte.

I NO CAMINHO DE BANDEIRA

A primeira coisa a fazer é deixar que o poeta nos guie por estas ruas do Recife. *Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância.* De fato, muitos dos nomes dessas ruas são reminiscências de um mundo de encantamento: “Rua das Moças,” “Rua Deus te guarde,” “Rua das Lágrimas”, “Rua Estrela Brilhante”, “Rua do Sol”.

Mas é nos limites do território que Bandeira chama a sua Tróada que os nomes das ruas ganham um significado afetivo e se tornam decisivos para a sua formação. “Rua da União”, onde fica a casa do avô, “Rua da Saudade”, “Rua Formosa”, “Rua da Aurora”. Assim como fluem as águas do Capibaribe, ali bem perto, fluem também as lembranças desse momento marcante na vida do poeta. Ele mesmo dirá mais tarde que, ao comparar esses anos de meninice a quaisquer outros anos de sua vida de adulto *fico espantado do vazio destes últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante.*

E por que isso? Porque ali, naquelas ruas, se constrói a sua mitologia...*e digo mitologia porque os seus tipos, um Totônio Rodrigues, uma D. Aninha Viegas, a preta Tomásia, velha cozinheira da casa de meu avô Costa Ribeiro, têm para mim a mesma consistência heróica das personagens dos poemas homéricos.*

Por isso, em sua *Evocação do Recife*, que escreve por insistência de Gilberto Freyre, o poeta não celebra o Recife das revoluções libertárias, que só veio a amar depois, mas o Recife da sua infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado

e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o

pincenê na ponta do nariz

.....

Recife
Rua da União
A casa de meu avô
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade.

Mas Bandeira guarda ainda outras lembranças de infância nas quais devemos prestar atenção se quisermos compreender o sentido profundo de sua poesia. Uma delas é de um acontecimento que se dá fora das ruas onde fundou o seu reino, mas sempre no Recife, onde afinal ele inventa uma cosmogonia.

Lá longe o sertãozinho de Caxangá.
Banheiros de palha.
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi o meu primeiro alumbramento.

Nesse ponto, já podemos fazer uma primeira observação sobre a poesia de Bandeira: ela está impregnada de eternidade e de alumbramento. Mas vamos deixar para puxar esse fio na parte final do trabalho, sabendo que o leitor atento não deixará que as idéias se percam. Por ora, vamos dar mais um passo em nosso caminho.

LEITURA DE UM POEMA

Vamos ler agora o poema “Profundamente”, que é do livro *Libertinagem*, publicado em 1936, e procurar descobrir que outros temas aparecem na obra de Bandeira.

QUANDO ONTEM adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.
No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?
– Estavam todos dormindo

Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

*

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci
Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?
–Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

“Profundamente”, um advérbio de modo cuja sonoridade já sugere a idéia de uma sondagem no poço profundo do tempo, aparece três vezes no poema. Como título, e como fecho da primeira e da segunda parte do poema. Aliás, a estrutura vertical do **poema já** aponta para essa idéia de profundidade. E profundidade, anotemos isso, é uma palavra de ressonâncias artísticas, filosóficas, teológicas, psicológicas.

Do título, passemos para o verso 1: o poema começa com dois advérbios de tempo justapostos, *Quando* e *Ontem*, escritos com letras maiúsculas como para indicar que o tempo é o eixo central de sua reflexão. Não é isso também que acontece na *recherche proustiana*, em busca do tempo perdido? Aliás, como se pode ver na própria disposição gráfica, o poema se divide em duas grandes partes: na primeira, o eu lírico vive uma situação no passado: na segunda, quer resgatar esse passado e sente que não pode.

Continuando a leitura, vemos que o homem maduro recompõe suas lembranças e, com elas, refaz a sua história. Debruçando-se sobre o passado, o eu lírico se detém num momento mágico da infância, uma noite de São João. No verso 4, a alegrias e o rumor que estão no verso 3, transformam-se numa voragem: *Estrondos de bombas luzes de Bengala*. Tudo tão rápido, tão estonteante, tão vertiginoso, que não há tempo sequer para a pausa de uma vírgula. Os olhos do menino não param e, no entanto, ele adormece. Ao despertar, no meio da noite, tudo mudou.

Quando o menino desperta, nada há mais daquela alegria que deixara ao adormecer. Apenas uns balões errantes, o ruído de um bonde...e a inevitável pergunta: *Onde estavam os que há pouco cantavam, dançavam e riam?* Uma voz dentro do poema responde no verso 21: *Estavam todos dormindo*, e reitera no verso seguinte: *Estavam todos deitados*, a reiteração querendo acentuar que estavam todos dormindo profundamente, como se dorme depois de uma noite de festa.

Nos versos 26 e 27, o eu lírico procura uma explicação para não encontrar os que outrora cantavam, dançavam, sorriam. A explicação é simples: *Porque adormeci*. Não demora muito e ele percebe, no verso 28, que a explicação é falsa: *Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo*. Mas por que não, se agora está desperto?

A pergunta que é feita nos versos 16, 17 e 18, bem como as respostas nos versos 21 e 22, estão todas no modo imperfeito do verbo. A mesma pergunta é retomada no verso 34 e a resposta vem no verso seguinte mas com uma diferença: o tempo verbal agora é um presente durativo. Ao passar do imperfeito para o presente, o sentido do verbo se desloca do plano denotativo para o plano

conotativo da linguagem e o *Estão todos deitados* do verso 35 , complementado pelo verso seguinte, (*Estão todos*) *dormindo*, aponta para algo definitivo e inapelável: *estão todos mortos*.

II NO CAMINHO DE SWANN

E agora, Combray, o cenário onde transcorre a infância de Proust (o bom da literatura é que, num piscar de olho, pode-se dar um salto desse tamanho). *Para morar, Combray era um pouco triste, como eram tristes as suas ruas...* Todas elas, ou quase todas, com seus nomes de santos: “*Rua de Santo Hilário*”, “*Rua de S. Tiago*”, onde ficava a casa de minha tia, “*Rua de Santa Hildegarda*”, para onde davam as grades, e “*Rua do Espírito Santo*”, para onde se abria o portãozinho lateral de seu jardim.

Ali, a torre de Santo Hilário domina a paisagem.. *Combray, de longe, por dez léguas em redor, vista do trem, quando chegávamos na semana anterior à Páscoa, não era mais que uma igreja que resumia a cidade.* A igreja, as ruas, as casas, as pessoas, os cheiros e os aromas de Combray: é aí que se constrói a mitologia de Proust.

E eu desejaria poder ficar ali sentado toda a tarde a ler e ouvindo os sinos; pois fazia um tempo tão lindo e tranquilo que o soar das horas dir-se-ia que não quebrava a calma do dia, mas desembaraçava-o do que ele continha, e que o campanário, com a insolente e zelosa exatidão de quem não tivesse mais nada que fazer, acabava apenas (para espremer e deixar cair as poucas gotas de ouro que o calor ali fora lenta e naturalmente acumulando) de calcar, no momento justo, a plenitude do silêncio.

Ele também tem suas figuras marcantes: a avó, o avô, a mãe, o pai, as tias, as empregadas, como Francisca, os amigos da família, como o sr. Swann, e os ritos familiares ,como o beijo da mãe

antes de dormir, as missas, as doenças, as visitas, os jantares, os pequenos hábitos incrustrados na rotina de cada dia.

Esse *grande reservatório de poesia* dá ao menino Proust, como deu ao menino Bandeira, um certo sentimento de eternidade provocado pela *intrusão do mistério e da beleza*. E assim como Bandeira, Proust tem também seus alumbramentos, como o que descreve quando encontrou uma atriz de teatro na casa do tio Adolfo. Sem falar nas epifanias, como a taça de chá que a mãe lhe oferece numa tarde de inverno

LEITURA DA RECHERCHE

Lendo o trecho a seguir, que está logo no começo de *No caminho de Swann*, vamos procurar descobrir outros temas presentes na obra de Proust:

Meus remorsos estavam agora acalmados, eu me abandonava à doçura daquela noite em que tinha mamãe junto de mim. Sabia que uma noite daquelas não poderia repetir-se: que o meu maior desejo no mundo, ter mamãe comigo no quarto durante aquelas tristes horas noturnas, era por demais contrário às necessidades da vida e ao sentir de todos, para que a realização que lhe fora concedida aquela noite não pudesse ser mais que uma coisa fictícia e excepcional. Amanhã recomçariam as minhas angústias e mamãe não estaria ali comigo... Assim, por muito tempo, quando despertava na noite e me vinha a recordação de Combray, nunca pude ver mais que aquela espécie de lanço luminoso, recortado no meio de trevas indistintas, semelhante aos que o acender de um fogo de artifício ou alguma projeção elétrica alumiam e seccionam em um edifício cujas partes restantes permanecem mergulhadas dentro da noite; na base, bastante larga, o pequeno salão, a sala de jantar, o trilho da alameda escura por onde chegaria o sr. Swann, inconsciente autor das minhas tristezas, o vestibulo

de onde me encaminhava para o primeiro degrau da escada, tão cruel de subir, que constituía por si só o tronco, muito estreito, daquela pirâmide irregular; e, no cimo, o meu quarto, com o pequeno corredor de porta envidraçada por onde entrava mamãe... Na verdade, tudo isso estava morto para mim. Morto para sempre? Era possível? É assim com o nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora do seu domínio e do seu alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca.

O narrador de *No caminho de Swann* reconstitui um momento igualmente mágico da infância, no qual se abandona à doçura daquela noite em que tinha minha mãe junto de mim. Mas já pressente que uma noite daquelas não poderia repetir-se. Que leitor apressado não vê, nos textos que estamos comparando, esses dois meninos que se queixam contra a finitude da vida, esses dois meninos e o medo da noite, esses dois meninos e a angústia que os fere, assim como fere a cada um de nós? *Amanhã recomeçariam minhas angústias e mamãe não estaria ali comigo.*

II NO CAMINHO DOS DOIS

É tempo de dizer que o Recife fica muito perto de Combray. Mas também é tempo de dizer logo que não estamos falando de nenhuma geografia enlouquecida, “uma espécie de expressão geográfica abstrata” e que a proximidade a que nos referimos se dá nos traços comuns que podemos encontrar nos autores estudados e, de maneira especial, nos textos que estamos comparando. Assim, o que vamos fazer nessa terceira parte é, como conclusão, reunir aqueles temas dominantes que, segundo Pierre Richard, formam a arquitetura invisível do texto. Quais são, pois, os temas dominantes em *Bandeira* e em *Proust* e de que maneira eles se comunicam, se possuem, se transformam?

Em primeiro lugar, são dois meninos. O menino do poema acorda no meio da noite e não ouve mais as vozes dos que riam, cantavam e dançavam na festa de São João. E o menino da *recherche*? Voilá: *Por muito tempo, quando despertava de noite e me vinha a recordação de Combray, nunca pude ver mais aquela espécie de lanço luminoso por onde a mãe entrava.* A mesma ferida, a mesma queixa, a mesma dor. No poema, a pergunta pelos outros dissimula uma mágoa e tristeza: *Onde estão todos eles?* Na passagem de Proust, quando o narrador diz *Na verdade, tudo isso estava morto para mim,* imediatamente ele acrescenta: *Morto para sempre? Era possível?* Mas essa dúvida, que também dissimula uma mágoa, dissimula também uma frágil e tímida esperança.

É justamente o que acontece em Bandeira e em Proust. Nos textos que lemos, os dois autores mergulham no fundo de suas lembranças e dão testemunho de sua noite. Noite da angústia, da finitude, da vertigem, da voragem, da melancolia, do *never more*, da dúvida, da incerteza, noite, enfim, do *ubi sunt*? Onde estão todos eles...minha avó, meu avô, Totonio Rodrigues, Tomásia, Rosa, a mãe de Proust...É a noite da ausência? Sim.

Mas, no ponto de intersecção entre Bandeira e Proust, isso é tudo? E aquela tímida esperança que apareceu por entre as dobras do texto e depois sumiu? Se fizéssemos essa pergunta a Santo Agostinho, ele nos diria: *Que o homem não se sinta sozinho na sua noite.* E se a fizéssemos a Paul Valéry, o Valéry das reflexões sobre o "Cemitério Marinho"? Eis o que ele nos diria: *un ouvrage n'est jamais achevé* (uma obra nunca está terminada).

Assim, nas páginas de Bandeira e de Proust, que acabamos de ler, a ausência não significa necessariamente um vazio. Poderá haver nela algum outro tipo de alumbramento? Sim, pois a leitura não se esgota aqui e um fragmento de Heráclito nos convida a levá-la adiante: *O Senhor, a quem pertence o oráculo de Delfos, não revela nem oculta, mas acena.* A ausência, pois, que sentimos em Bandeira e em Proust pode ser um suspense, uma espera, o signo de um sentido que é necessário inventar: o sentido profundo da nostalgia de cada um. Mas aqui me detenho para seguir o conselho de Wittgenstein: aquilo que o leitor pode descobrir, deixe ao leitor.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. Todas as citações são tiradas de **Poesia Completa e Prosa**, Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1967.

PROUST, Marcel. Todas as citações são de **No caminho de Swann**, tradução Mário Quintana, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

O autor é graduado em Letras Clássicas e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Integra grupos de pesquisa na USP, Unicamp, Universidade Federal de Santa Catarina e PUC-RJ. É professor associado da PUC-SP e autor, entre outros, de *A Bailadora Andaluza: a Explosão do Sagrado na Poesia de João Cabral* (Ateliê Editorial/Fapesp).